

Impactos do Conflito Rússia vs. Ucrânia na Hegemonia do Padrão Dólar

Alessandro Fernandes

Entre os trunfos que o Kremlin exhibe no atual confronto com a Ucrânia está a energia que aquece e move a Europa, afinal “as armas mais poderosas da Rússia agora, excetuando os mísseis nucleares, não são o Exército e a Força Aérea, mas o gás e o petróleo”, uma vez que a Rússia é o maior produtor de gás e o segundo maior produtor de petróleo, com uma média de cerca de cinco milhões de barris por dia.

A maioria das sanções externas sobre a economia russa, principalmente em função da dependência europeia do gás russo, incide sobre as suas exportações de petróleo e carvão, dado o papel central desempenhado pela energia nas atividades econômica e social nos países industrializados².

A ideia por detrás destes embargos é prejudicar de sobremaneira a economia russa, e, em contrapartida o regime Putin, até um ponto que fique insustentável manter a ofensiva militar em seu vizinho, em que pese as medidas de restrição econômica não terem levado o Kremlin a qualquer moderação bélica significativa³.

Não por acaso as primeiras sanções impostas à Rússia, em função do reconhecimento de independências das Províncias de Donetsk e Luhansk, impactaram na certificação do gasoduto Nord Stream-2, que transportaria gás natural russo pelo Báltico diretamente até a Alemanha, contornando os países do leste europeu e possibilitando um comércio em maior quantidade e a preços menores.

O Kremlin acredita que será mais fácil para a Rússia mudar as suas entregas de petróleo da Europa para os mercados asiáticos do que mudar o destino do gás, cujo transporte depende de uma infraestrutura inflexível, porém, conforme se percebeu com as sanções ao petróleo do Irã, as sanções dos Estados Unidos da América, da União Europeia, do Reino Unido e da Noruega podem privar os negociantes russos do mercado de seguro marítimo para navios-tanque, afastando estas frotas mundiais do mercado russo⁴, fato este abrandado pela utilização dos gasodutos Power of Sibéria, na Rússia, e ao gasoduto Soyuz Vostok, na Mongólia, que ligará o transporte de gás entre Rússia e China⁵.

Estas sanções, porém, evidenciaram a realidade de que um país pode sofrer um bloqueio de reservas e severas restrições monetárias por decisão unilateral dos Estados Unidos e dos seus parceiros, com extensão e duração indefinidas, explicitando o antagonismo existente no Direito Internacional Público: “enquanto alguns países são duramente castigados por sanções e nada podem fazer, outros esbaldam ilegalidade e evidentes demonstrações de força preparadas para agressão sem qualquer prejuízo”⁶.

Esta desproporção acabou reforçando a necessidade do desenvolvimento de serviços de compensação e liquidação paralelos ao SWIFT, uma vez que os Estados Unidos, a partir de 11 de setembro, construíram ferramentas

para alavancar a centralidade da sua economia e transações denominadas em dólares para bancos, empresas e países estrangeiros, procurando atingir objetivos políticos, na forma de sanções contra indivíduos, entidades e até nações inteiras, expulsando atores indesejáveis de instituições aparentemente comerciais⁷.

“Estas sanções, porém, evidenciaram a realidade de que um país pode sofrer um bloqueio de reservas e severas restrições monetárias por decisão unilateral dos Estados Unidos e dos seus parceiros (...)”

O SWIFT (abreviatura para *Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication*, ou Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais) é um sistema criado em 1973 por órgãos dos Estados Unidos e da Europa, que tem como principal função permitir a troca de informações bancárias e transferências financeiras entre as instituições financeiras, realizadas então por meio do Telex.

Ascensão do renminbi

O modelo alternativo mais avançado é o Chinês CIPS, sistema ainda restrito,

mas de uso intenso entre a China e a Índia, já utilizado por bancos e organizações de mais de cem países e que deve agora absorver as operações externas russas, podendo inclusive servir como oportunidade de incentivo para transações comerciais em renminbi. Este é um processo de criação de uma ordem monetária alternativa num futuro previsível em que os Estados Unidos pretendem estender os benefícios da globalização económica exclusivamente para às nações alinhadas com os seus interesses⁸.

A participação da moeda norte-americana nas reservas globais de divisa regrediu de 71%, em 2000, para um pouco menos de 60%, em 2020, demonstrando uma lenta movimentação, suficientemente tímida para evitar que seja decretada a morte do dólar. Este movimento deve ainda ser impactado pela adoção do renminbi digital, uma vez que preocupações como privacidade digital e monitoramento pelo poder central não repre-

sentam um óbice para alterações necessárias na economia chinesa⁹.

Aquando da invasão da Crimeia, a Rússia criou um sistema próprio de pagamentos, a MIR (mundo ou paz em russo), em substituição das operadoras VISA e Mastercard que encerraram as operações em solo russo. Após um período de turbulência, as operações com esta bandeira se tornaram um dos pilares para a construção de uma estratégia de fortalecimento e proteção da economia russa, auxiliando ainda na acumulação de reservas internacionais e no corte da dívida externa, já preparando o país para futuras sanções internacionais.

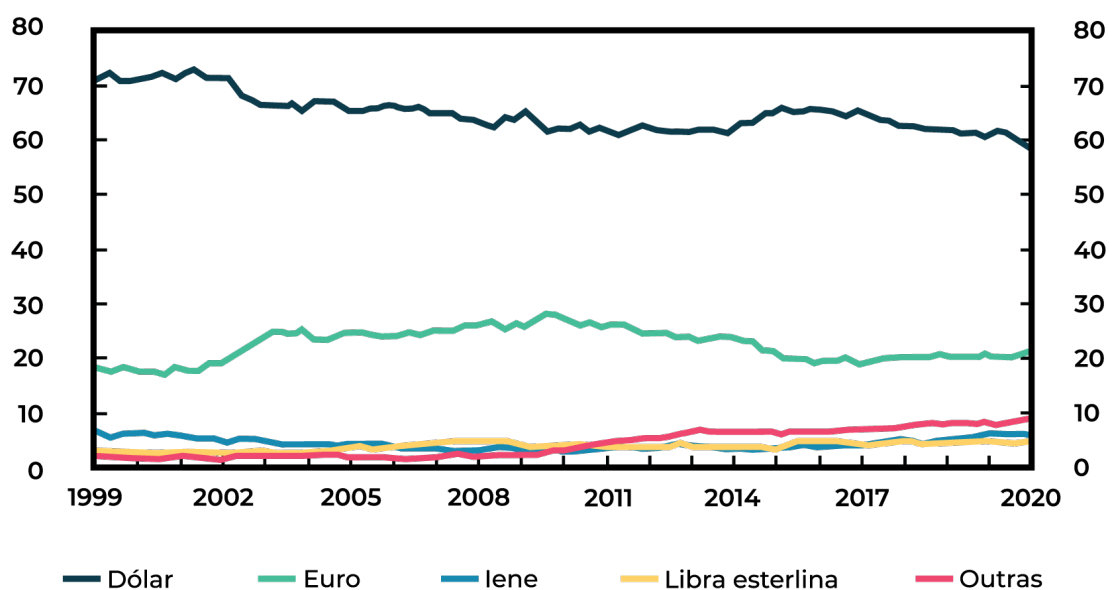
Além do mais, na condição de maior importador de commodities, caso a China tenha sucesso em precificar as suas compras na sua própria moeda, eliminaria a necessidade de manter superávits na sua balança comercial, mudando a lógica económica vigente no planeta¹⁰. Em contrapartida, a posição russa de exportadora de cereais,

principalmente para nações em desenvolvimento, poderia reforçar a estratégia de enfraquecimento do dólar como moeda global¹¹.

A aproximação sino-russa dá-se menos por uma proximidade ideológica e mais pelo receio que após a adesão da Ucrânia as atenções da OTAN se direcionem para a situação de Taiwan, sendo a China futuramente o alvo de novas sanções financeiras, uma vez que se entende que se trata de uma “disputa pela hegemonia entre os Estados Unidos e a República Popular da China”¹².

A China compartilha com Putin o sentimento de que aquilo que é tolerado para os Estados Unidos, principalmente as ingerências militares nos países soberanos¹³, para a Rússia e a China é algo condenado e devem, em função da incapacidade russa de substituir as importações industriais e tecnológicas posteriormente ao bloqueio ocidental, desenvolver relações comerciais cada vez mais assimétricas.

Gráfico: Participação Moedas Estrangeiras nas reservas Cambiais Mundiais



A internacionalização do renmimbi ainda não acompanhou o ritmo de crescimento chinês no comércio exterior. Enquanto a China experimentou um crescimento de mais de dez vezes do seu volume de exportações em 20 anos, o uso de sua moeda nestas operações aproxima-se de apenas 6% das negociações. Numa tentativa de reverter este quadro, os chineses criaram, ainda em 2018, contratos de compra de outro e petróleo em renmimbi, conversíveis em ouro em Hong Kong ou Xangai. Esta é primeira oportunidade no pós-Segunda Guerra Mundial que se pode comercializar petróleo por ouro sem se precisar desembolsar valores em moeda norte-americana¹⁴.

“Enquanto a China experimentou um crescimento de mais de dez vezes do seu volume de exportações em 20 anos, o uso de sua moeda nestas operações aproxima-se de 6% das negociações (...)”

Este enfraquecimento do padrão dólar teria grande impacto sobre a economia mundial, uma vez que os governos e os seus bancos centrais, quando querem controlar a inflação, costumam subir os juros, retirando moeda de circulação. Porém este movimento tem um preço amargo, aumentando o endividamento, exceto no caso dos norte-americanos, donos da máquina

que imprime dólares. Ante a necessidade de reduzir a liquidez no país, em vez de subir juros e emitir títulos, os Estados Unidos podem liberalizar a importação, ajustando assim a oferta do mercado com a demanda exterior e ainda enviam dólares para o exterior, retirando dinheiro de circulação, exportando a sua inflação para os demais países.

O domínio do dólar sobre o Sistema Monetário Internacional consolidou-se de forma substancial depois dos acordos de Bretton Woods, em 1944. Mesmo que o ouro tivesse sido mantido como âncora cambial, a única moeda inicialmente conversível era o dólar, de forma que os agentes públicos e privados do sistema financeiro internacional se viram na situação de ter que incentivar a acumulação de dólares como pré-condição para alcançar a conversibilidade em ouro, mantendo-se esta situação mesmo depois de os Estados Unidos, unilateralmente, acabarem por dissolver o regime monetário de Bretton Woods, ainda na década de 1970¹⁵.

Moeda Comum Sul-Americana

Este movimento também tem impactado em países sem envolvimento no conflito, levando Fernando Haddad, o atual ministro da Fazenda do governo de Lula da Silva, e Gabriel Galípodio (atual secretário-executivo do mesmo Ministério) a propor a criação de uma moeda comum sul-americana, o Sur, como estratégia para “fortalecer a soberania monetária dos países da América do Sul, que enfrentam limitações econômicas decorrentes da fragilida-

de internacional de suas moedas”, citando inclusive episódios em que os Estados Unidos “exportaram” as suas crises para os demais países e relacionando a utilização do dólar como ferramenta bélica, demonstrando que este não é um fato inédito: “Em 1979, a elevação da taxa de juros nos EUA para reafirmar o poder do dólar como moeda global levou diversos países a uma situação de insolvência”¹⁶.

É importante frisar que a proposta de moeda comum não se confunde com a proposta de “moeda única” levantada pelo Chicago boy Paulo Guedes, antigo ministro da Fazenda de Jair Bolsonaro, que defendia a criação do peso real. A moeda única proposta por Haddad serviria somente na operação da compensação de pagamentos e créditos recíprocos, processo atualmente realizado exclusivamente em dólares.

Ao contrário da moeda única, que substituiria todas as moedas nacionais dos países que a adotaram, no caso da proposta de moeda comum, o real e o peso argentino mantêm-se como moedas soberanas, preservando na íntegra a capacidade de intervenção nas suas economias¹⁷.

Referências

- ¹ MARSHALL, Tim. Prisioneiros da geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Zahar, 1, ed., 2018, 258 p. Kindle.
- ² JOHNSON, Simon. USTENKO, Oleg. O fim da Rússia como potência energética. Valor Econômico, 05 abr. 2022, p. A15.
- ³ KRUGMAN, Paul. Who's Embargoing Whom? New York Times, 02 ago. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/08/02/opinion/russia-ukraine-war-embargo-gas.html>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- ⁴ JOHNSON, Simon. USTENKO, Oleg.
- ⁵ GAZPROM. Gazprom and CNPC discuss progress of project for Russian gas supplies to China via Far Eastern route. 06 set. 2022. Disponível em: <http://www.gazprom.com/press/news/2022/september/article556286/>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- ⁶ DIAS, Vinícius Turibio. Ucrânia e Rússia e o Acordo de Munique. Revista Jus Navegandi, Teresina, ano 27, n. 6812, 25 fev. 2022.
- ⁷ GJOZA, Enea. RMB Internationalization: Implications for U.S. Economic Hegemony. Cambridge, Belfer Center for Science and International Affairs, Harvard Kennedy School, 2018, 48 p.
- ⁸ CARVALHO, Carlos Eduardo. GABRIEL, João Paulo Nicolini. Vigor da desvalorização depende da China. Valor Econômico, 04 abr. 2022, p. A17.
- ⁹ DAVIES, Howard. Sanções mudarão o sistema financeiro? Valor Econômico, 02 mai. 2022, p. A15.
- ¹⁰ RIAL, Sérgio. Guerra Fria e novo normal econômico. Valor Econômico, 02 mai. 2022, p. A15.
- ¹¹ UNITED NATION. Impact of War in Ukraine on Food, Energy and Finance Systems. Brief n.1. 13 abr. 2022. 22 p.
- ¹² GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Prefácio. In: BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão Estratégia dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio? 1. ed., 2013, pp. 17-29. Kindle edition.
- ¹³ Entre 1990 e 2003 os EUA participarão de, ao menos, 14 intervenções militares em outros países, visando a mudança de regime ou a "construção de nações", buscando muito mais defender sua segurança e interesses econômicos do que construir e consolidar regimes democráticos (BANDEIRA, 2013).
- ¹⁴ CHEY, Hyoung-Kyu; LI, Yu Wai Vic. Chinese Domestic Politics and the Internationalization of the Renminbi. Political Science Quarterly, V. 135, Issue 1, pp. 37-65, 2020.
- ¹⁵ SOUZA, Ana Tereza Lopes Marra de. A internacionalização do renminbi como um meio de contestação. Bogotá: Desafios, v. 32, n.1, pp. 01-30, 2020.
- ¹⁶ HADDAD, Fernando. GALÍPOLO, Gabriel. Criação de moeda sul-americana pode acelerar integração regional. São Paulo: Folha de São Paulo, 01 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/04/criacao-de-moeda-sul-americana-pode-acelerar-integracao-regional.shtml>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- ¹⁷ LEMOS, Francisco Manuel Figueira; TEIXEIRA, Marco Antônio Carvalho. Poderá o "Sur" ser o novo "Euro" da América Latina? FGV, 06 fev. 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/podera-sur-ser-novo-euro-america-latina>. Acesso em: 10 fev. 2023.